

## Solenidade de Cristo Rei - Ano C

A Solenidade de Cristo Rei, que hoje celebramos foi instituída pelo papa Pio XI, para incentivar os cristãos a fazer da presença de Cristo no mundo uma força de transformação. Por meio dos cristãos, Jesus deve governar o mundo. O objetivo não é dar brilho e poder a instituição eclesial, mas trazer ao mundo o Reino de Deus com os critérios de Jesus Cristo. Contrário à busca de brilho, fama e poder, critérios deste mundo, o reinado de Cristo se manifesta na vergonha e no fracasso da cruz.

Os povos da antiguidade como nós no mundo de hoje, desejamos a tão sonhada Paz, porém esta é fruto da justiça e do amor, como ouviremos no prefácio da oração eucarística desta solenidade. A busca da verdadeira justiça e a coerência do amor levam ainda hoje inúmeros cristãos ao martírio, à morte semelhante à de Cristo. É por esse caminho e não pela participação nos poderes temporais, que seu reinado vai acontecer no mundo.

Na 1ª Leitura de hoje tirada do 2º livro de Samuel narra em poucas palavras um dos acontecimentos fundamentais da história de Israel: Davi é ungido rei e reconhecido como tal por todas as tribos de Israel. Cumprindo-se assim a Palavra do Senhor.

Davi era o mais novo e o mais humilde dos oito irmãos filhos de Jessé, de Belém. Quando Samuel foi enviado por Deus para escolher entre eles aquele que seria o novo rei, Jessé apresentou os sete filhos mais velhos, enquanto que Davi, o mais novo, havia sido deixado no campo, cuidando das ovelhas. Mas a nenhum dos sete irmãos Deus escolheu e sim a Davi. É por meio dos fracos que Deus reina e este novo rei se tornará depois o modelo dos reis.

Davi reinava sobre Judá, que por seus méritos já tinha alcançado a aprovação de seu povo. No texto vemos a presença dos anciãos de Israel diante de Davi propondo-lhe a realeza sobre as tribos do norte e do centro. Davi aceita o reinado e é a primeira vez que as doze tribos (que a tradição teológica designará como o Povo de Deus) estão sob a autoridade de um único rei. Da boca dos anciãos de Israel sairá a seguinte frase: “O Senhor disse-te – tu apascentarás o meu Povo de Israel, tu serás rei de Israel.” A realeza de Davi aparecerá

assim, como algo querido por Deus, decidido por Deus – uma espécie de extensão da realeza de Deus, doravante o rei Davi será considerado o instrumento através do qual Deus apascenta o seu Povo.

Davi foi o rei mais importante da história do Povo de Deus, seu reinado foi marcado como um tempo de paz e de abundância. Em termos religiosos, foi o tempo em que Iahweh era considerado efetivamente o Deus de Israel e Judá e o rei potenciava o encontro de todo o Povo a volta do seu Deus na fidelidade à aliança. Os reinados que vieram depois foram de infidelidade a Deus, as tradições, a Lei. Porém, é diante da promessa de Deus a Davi seu servo, em que o povo se apegava e aguardava, que da descendência de Davi viria àquele que iria resgatar a todos e conduzi-los novamente a Deus.

No Evangelho, o quadro que Lucas nos apresenta é, portanto, dominado pelo tema da realeza de Jesus. A investidura real de Jesus se desenrola em torno da cruz, trono improvisado para o novo Messias. Para tornar mais evidente essa aproximação, Lucas recorda a inscrição que encabeça a cruz: “rei dos judeus”, mas sem dizer que se trata de um motivo de condenação. Assim, a inscrição te o lugar da palavra de investidura, como o Pai que investe seu Filho no batismo. A inscrição parece irônica em face à situação em que Jesus se encontra, pois, não está sentado em um trono, mas pregado numa cruz, não aparece rodeado de súditos fiéis que o incensam e adulam, mas dos chefes dos judeus que o insultam e dos soldados romanos que representando o império, os senhores deste mundo, caçoavam da placa que chamava Jesus de “Rei dos judeus”, um rei incapaz, totalmente fracassado. Oferecem ao “rei” o vinagre ou vinho azedo. Entretanto, o vinagre que lhe oferecem lembra o Salmo 69, 22, que diz: “para minha sede deram-me vinagre”, fazendo eco ao vers. 5 do mesmo salmo “odiaram-me gratuitamente.” A resposta ao ódio é um amor mai gratuito ainda. A inscrição irônica aos olhos dos homens descreve com precisão a situação de Jesus, na perspectiva de Deus: Ele é o rei que preside da cruz a um Reino de serviço, de amor, de entrega, de dom da vida. Neste quadro, explica-se a lógica desse “Reino de Deus” que Jesus veio propor aos homens.

Diante desse quadro apresentado por Lucas, podemos apresentar a Jesus Rei em três perspectivas: rei da reconciliação, rei do perdão, rei que veio para servir.

Cristo, rei de reconciliação: Como em todas as coisas importantes na lei mosaica, é necessário que a entronização seja reconhecida por duas testemunhas. Mas, enquanto as testemunhas da investidura real da Transfiguração são dois entre os principais personagens do Antigo Testamento: Moisés e Elias, as testemunhas do Gólgota que Lucas nos coloca são apenas dois ladrões. Enquanto um o insulta (este representa aqueles que recusam a proposta do Reino), o outro pede: “Jesus, lembra-te de mim quando vieres com tua realeza.” A resposta de Jesus a este pedido é: “hoje mesmo estarás comigo no paraíso.”. Jesus exerce sua realeza sobre todos os homens, inclusive sobre seus inimigos, é oferecendo-lhes o perdão. Lucas é muito sensível a esta ideia em toda a narrativa da paixão, mais aqui ela chega ao máximo. Com esse perdão, Cristo se apresenta como novo Adão, aquele que pode ajudar a humanidade a reintegrar o paraíso perdido pelo primeiro homem. Jesus é o Rei que apresenta aos homens uma proposta de salvação e que, da cruz, oferece a vida. O “estar hoje no paraíso”, indica que a salvação definitiva (o “Reino”) começa a fazer-se realidade a partir da cruz. Na cruz manifesta-se plenamente a realeza de Jesus que é perdão, renovação do homem, vida plena; e essa realeza abarca todos os homens – mesmo os condenados – que acolhem a salvação.

Cristo, rei de perdão: Os termos Rei e Messias ressoam em torno da Cruz em frases de zombarias e provocantes. Jesus começou seu ministério anunciando o Reino e que este chegou aos homens. Tem consciência de ter sido enviado pelo Pai para anunciar o Reino e para trazer aos homens uma nova era de felicidade e paz. Na Cruz, Jesus tem um gesto verdadeiramente real e assegura ao ladrão arrependido a entrada no Reino do Pai. Também diante dos adversários mais encarniçados, Jesus dirá palavras de perdão: “Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem.” Jesus exerce, pois, e manifesta sua realeza não nas afirmações de um poder despótico, mas no serviço de um perdão que busca a reconciliação. Cristo é Rei porque, perdoadando e morrendo para a remissão dos pecados, cria uma nova unidade entre os homens. Quebrando a corrente do ódio, oferece a possibilidade de um novo futuro.

Cristo, um rei que veio para servir: Jesus é o Messias/Rei, sim; mas é rei na lógica de Deus, isto é, veio presidir e anunciar a um “Reino” cuja lei é o serviço, o amor, o dom da vida. Não pode haver

lugar na história sem relação com Deus por meio de Jesus. A doutrina do senhorio de Jesus nos ensina ainda que a vida a que somos chamados é a mesma a que viveu Jesus: vida de serviço aos irmãos. Vivendo-a, confessamos seu senhorio e nos tornamos, como Ele, homens de paz e de reconciliação. Na Igreja de Cristo, como em toda comunidade, o ministério (Serviço) da autoridade é dado não para a afirmação pessoal, mas em função da unidade e caridade. Cristo, Bom Pastor, veio não para ser servido, mas para servir e dar a vida pelas ovelhas.

Na 2ª leitura, Carta aos Colossenses, Paulo afirmará a realeza de Cristo, iniciando com um convite de ação de graças, porque Deus livrou a comunidade dos Colossenses do poder das trevas e transferiu-os para o Reino do seu Filho muito amado. Paulo apresenta um hino no qual celebra a supremacia absoluta de Cristo na criação e na redenção. É nas duas estrofes deste hino que está a mensagem fundamental na qual nos interessa refletir:

A primeira estrofe (vers. 15-17) afirma e celebra a soberania de Cristo sobre toda a criação, e faz-o recorrendo a três afirmações importantes: 1ª) Cristo é a imagem de Deus invisível. Dizer que é imagem significa dizer que Ele é, em tudo, igual ao Pai, no ser e no agir, e que n'Ele reside a plenitude da divindade. Significa que Deus, espiritual e transcendente, revela-se aos homens e faz-se visível através da humanidade de Cristo. 2ª) A afirmação que Ele é “o primogênito de toda criatura”. No contexto da família judaica, o primogênito era o herdeiro principal, que tinha a primazia em dignidade e em autoridade sobre seus irmãos. Aplicado a Cristo, significa que Ele tem a supremacia e a autoridade sobre toda a criação. 3ª) É nos assegurado que n'Ele, e por Ele e para Ele todas as coisas foram criadas. Tal significa que todas as coisas têm n'Ele o seu centro supremo de unidade, de coesão, de harmonia; que é Ele que comunica a vida do Pai; e que Cristo é o termo e a finalidade de toda a criação.

A segunda estrofe (vers. 18-20), Paulo afirma e celebra a soberania e o poder de Cristo na redenção; também aqui encontramos três afirmações: 1ª – Cristo é a “cabeça da Igreja, que é o seu corpo”. Significa em primeiro lugar, que Cristo tem a primazia e a soberania sobre a comunidade cristã, que é Ele quem comunica a vida aos membros do corpo e que os une num conjunto vital e harmônico. 2ª –

Cristo é o principio, o primogênito de entre os mortos. Significa, não só Ele foi o primeiro a ressuscitar, mas também que Ele é a fonte de vida que vai provocar a nossa própria ressurreição. 3ª – Nos assegura que em Cristo reside “toda plenitude”. Significa que n’Ele e só n’Ele habita, efetiva e essencialmente, a divindade: tudo o que Deus nos quer comunicar, a fim de nos inserir na sua família, está em Cristo. Por isso Paulo pode concluir que por Cristo, foram reconciliadas com Deus todas as criaturas na terra e nos céus, por Cristo, a criação inteira, marcada pelo pecado, recebeu a oferta da salvação e pode voltar a inserir-se na família de Deus.

Queridos irmãos e irmãs, se queremos que Deus reine em nós devemos renunciar a tudo que nos desune e que nos leva ao pecado, devemos renunciar aos falsos deuses que o mundo moderno nos apresenta e que hoje tem mais nossa atenção de que o próprio Cristo. Infelizmente muitos estão vivendo sem Cristo e não se importam, pois, estão cada vez mais secularizados, e seus reis são seus bens, status, celular, WhatsApp, facebook e etc.

Termino com um trecho da 2ª leitura de hoje de Vigílias, do Opúsculo sobre a Oração, de Orígenes, presbítero: “Por conseguinte, se queremos que Deus reine em nós, de modo algum reine o pecado em nosso corpo mortal (Rm 6,12), mas mortifiquemos nossos membros que estão na terra (Cl 3,5) e produzamos fruto no Espírito. Passeie, Deus em nós como em paraíso espiritual, e reine só Ele, junto com seu Cristo; e que em nós se assente à destra de sua virtude espiritual, objeto de nosso desejo. Assente-se até que seus inimigos todos que existem em nós sejam reduzidos a escabelo de seus pés (Sl 98,5), lançados fora todo principado, potestade e virtude.”

AMÉM